*Sujeito 1*

*E – O nome é só pra eu guardar, mas eu não vou publicar as respostas, não.*

*E – Não, pode falar que tá gravando.*

*S – nome e posto: Leonardo Geovane (...) Tozzini, nome de guerra Tozzini, Primeiro Tenente, turma da Aman: formado em 2019, servindo no 5º GACAP.*

*E – Beleza. O que significa armas combinadas e interoperabilidade pra você, essas duas coisas, que conceitos que aparecem na tua cabeça.*

*S – Armas combinadas são as armas de combate atuando juntas principalmente: apoio de fogo de artilharia, além do apoio de fogo orgânico das unidades de infantaria e cavalaria, que geralmente é só metralhadoras e morteiro e também combinação das manobras de infantaria e cavalaria, ou dos diferentes tipos de infantaria pra aplicar a tropa onde ela se enquadra melhor, ou onde teria melhor eficiência.*

*E – Quando eu falo em Interoperabilidade, que que você pensa.*

*S – Na coordenação; serve pra coordenação tanto entre tropas diferentes ou entre armas diferentes do exército ou operação inter agência. (não sei se aqui e junto ou separado)*

*E – Certo. Em que situações de combate... bom, não sei se se aplica à artilharia, mas a pergunta é: em que situações de combate a sua arma precisa de apoio.*

*S – Em todas, todo mundo precisa de intendência pra comer e material bélico pra fazer manutenção, também sempre tem gente de comunicações trabalhando em quartel de artilharia pra estabelecer rede-rádio e fazer manutenção do equipamento eletrônico de comunicações, quando precisa.*

*E – Essa das comunicações é relevante, depois tem outras perguntas sobre ela. Apoio de infantaria e cavalaria.*

*S – O apoio de infantaria e cavalaria, como são arma base, do ponto de vista da artilharia, os dois são praticamente iguais, tirando que a cavalaria talvez se mova mais rápido, o que mais interessa pra artilharia é: onde a tropa aliada está, principalmente pra saber onde ela não pode atirar, ou o limite de segurança pra saber onde ela pode atirar. Além do mais, como a bateria de artilharia não enxerga onde o tiro tá caindo, preciso de alguém lá na frente pra enxergar onde o tiro tá caindo, e passar as coordenadas de alvo, se precisar. Isso pode ser um observador de artilharia que tá isolado, pode ser um observador de artilharia que tá junto com a tropa da manobra ou pode ser alguém da tropa de manobra se o camarada souber passar as informações.*

*E – Em que situações específicas a infantaria e a cavalaria mais precisam do apoio da artilharia.*

*S – O apoio de fogo de artilharia é principalmente pra enfraquecer o inimigo, destruir pontos fortes, destruir alvos que estejam ameaçando o êxito da operação, ou simplesmente fornecer apoio de fogo se tem alguém que eu não gosto lá, e é legal ter umas explosões lá perto.*

*E – (Risos)*

*S – Também serve pra outras coisas, por exemplo, o tiro iluminativo. Teve uma vez que um pelotão de infantaria ia fazer um assalto em área urbana de noite, e eu tava junto com a patrulha, eu pedi um tiro iluminativo de artilharia em cima das construções, eles conseguiram entrar sem lanterna, sem aparelho de visão noturna, só com a iluminação do tiro de artilharia.*

*E – O tiro iluminativo.*

*S – É.*

*E – Ainda bem que não erraram a granada, né. Em cima da área urbana (risos).*

*S –Não, era uma representação de favela que ficava no meio do campo de instrução da Aman. Mas a característica do tiro iluminativo é só que vai abrir o paraquedas com o tiro iluminativo em cima de onde você estiver, e tem uma casca da granada que vai continuar caindo, então também tem que calcular onde ela vai cair.*

*E – Legal. Experiências que você tenha tido concedendo apoio de artilharia, se você pudesse sumarizar, como é que foi a tua experiência quando concedeu apoio. Em exercícios, seja no que for.*

*S – Então, geralmente as armas-base não são acostumadas a usar apoio de artilharia porque fazem muito pouco exercício pedindo apoio de artilharia. Em algumas vezes que eu fui, de observador avançado, junto com a infantaria e cavalaria, eles praticamente não pedem apoio de artilharia, quando eles pedem apoio de artilharia, o exercício que o observador faz é basicamente levantar a coordenada de possíveis alvos e deixar a informação guardada, e na hora de fazer um assalto ou de avançar eles não levam muito em consideração esse planejamento de apoio de fogo. O que eu acho é que o pessoal, principalmente de arma de manobra devia ter alguma instrução de como a artilharia funciona, eles tem algumas, mas eu acho que não é o suficiente, ou talvez não seja do jeito certo, e deviam fazer mais exercícios utilizando a artilharia, porque todos os exercícios que fazem com mais de uma arma na Aman, o principal é o manobrão, que teoricamente são todas as armas fazendo a atividade em conjunto, mas não funciona muito bem na prática porque o curso de infantaria planeja a parte dele, o curso de cavalaria planeja a parte dele e o curso de artilharia planeja a parte dele, o curso de intendência planeja a parte dele. Aí assim, a intendência (precisam ser escritas em maiúscula, as armas?) tem que fornecer apoio de lazer pra tropa. A intendência monta um cinema, que seria o que eles montariam de lazer pra tropa, e só a própria intendência usa. A artilharia... teve uma situação que eu participei: a artilharia devia fornecer apoio de fogo pra cavalaria, aí a gente tinha o planejamento que era ocupar determinadas posições pra poder atirar até determinado alcance, e baseado em horário, pra estar em tal posição, em tal horário, na próxima posição em tal horário, e na próxima posição em tal horário. A gente foi seguindo o cronograma de mudança, a cavalaria foi fazendo os problemas simulados dela, pra tropa resolver, até que chegou uma hora que o pessoal da artilharia passou na frente de onde a cavalaria tava porque a cavalaria perdeu muito tempo resolvendo os problemas combinados e aí o pessoal da artilharia foi seguindo o cronograma de mudança de posição. Então, na verdade, não tava junto.*

*E – Vocês explodiram a cavalaria (risos)*

*S – Não, a gente passou na frente deles.*

*E – Ah, entendi.*

*S – Outra coisa é que, como o pessoal é muito, muito, muito “encagaçado” pra tiro de artilharia, o exército brasileiro nunca dá tiro de artilharia por cima de tropa, inclusive eles interditam tudo que tá no alcance entre a bateria e o alvo, na hora que vão atirar.*

*E – Mas por que ter tanto medo de tiro curto, assim?*

*S – A única possibilidade real de dar algum problema é a carga de projeção falhar e a munição cair muito mais perto do que o esperado. Eu, pessoalmente, nunca vi acontecer. E outro motivo é como o exército usa o pessoal que é recruta, o pessoal que não é profissional, qualquer coisa que envolve tiro e o pessoal pouco experiente, a galera fica com bastante cuidado pra fazer principalmente como medida de segurança.*

*E – É, aí faz mais sentido.*

*S – E como a maior parte de coisa tipo, desde o tiro de fuzil, que é o primeiro tiro que o recruta dá, é sempre com um pessoal bem pouco experiente, o pessoal é muito, muito, muito cuidadoso com qualquer coisa que envolve tiro. Como a infantaria e a cavalaria não tem tanto contato com armamento de artilharia, e eles sabem que o tiro de artilharia é uma granada que vai explodir, é mais ainda. Outro problema que isso gera é que além de fazer o exercício que é no mesmo contexto mas na prática não é coordenado por que , tipo, nessa situação da artilharia apoiando a cavalaria, a gente só tinha o planejamento pra seguir, que foi o próprio pessoal do curso de artilharia que fez, sem participação nenhuma do pessoal da cavalaria, que a gente teoricamente tava apoiando, o pessoal da cavalaria não falava com o pessoal de artilharia pra dizer onde que eles tavam, a gente não sabia onde eles tavam, a gente esbarrou neles e tomou um susto, na hora que vai dar tiro real, a artilharia vai pra outro campo de instrução, atira lá, e depois volta pro contexto do exercício, então, não tá junto de verdade. A cavalaria tá fazendo as coisas dele, a artilharia tá atrás, teoricamente atrás, fazendo as coisas dele, e o pessoal não se comunica.*

*E – Então, duas perguntas. Em primeiro lugar, essas medidas de segurança fazem total sentido quando se considera que é um pessoal pouco experiente, e que vocês tão trabalhando com simulação viva, né, você não acha que uma boa solução pra isso poderia ser o uso um pouco mais intenso de simulação virtual? Pra tornar o pessoal um pouco mais qualificado? E poder reduzir um pouco as medidas de segurança da simulação viva, em si?*

*S – Eu acho que poderia, agora, por exemplo, pra artilharia praticamente não precisa simulação virtual, porque o pessoal que tá calculando o tiro, se o tiro tá existindo de verdade ou não, não faz diferença nenhuma. O pessoal que é observador avançado, que tá levantando coordenada e corrigindo tiro, é mais fácil treinar corrigir o tiro, quando eles tão vendo o tiro real cair, só que não é necessário, porque a parte mais difícil do trabalho é levantar as coordenadas.*

*E – Mas, se a artilharia estiver fazendo simulação virtual, por exemplo, não lembro qual que foi a OM agora, mas foi desenvolvido um posto de observação virtual que , por exemplo, o pessoal da artilharia vai lá , calcula o disparo, entrega o fogo, tudo simulado, certo, só que daí você tá no mesmo campo de instrução.*

*S – Ah, sim, com certeza, (...)*

*E – Você consegue operar junto com a infantaria, daí.*

*S – Não, com certeza, a ... o único detalhe dessa parte aí... pra treinar o observador, a parte mais difícil de treinar não é só a técnica de corrigir tiro, é o que que a tropa de infantaria vai fazer com o observador, por exemplo, eu vou andar numa coluna de marcha, onde é que o observador vai? Eu vou fazer um deslocamento motorizado, onde é que o observador vai? O observador vai ficar do lado do comandante, pro comandante pedir pro observador pedir um tiro, o observador vai ficar separado? E isso ninguém pensa muito como fazer. Mas se tivesse na simulação virtual com o comandante da tropa de manobra se comunicando com o observador, talvez isso desse certo.*

*E – Certo. Sim, são coisas no futuro, mas eu já vi inclusive um pessoal que tá desenvolvendo nesse posto de observação virtual, a marinha inclusive, tá desenvolvendo uma outra coisa total separado, não sei porque, podia juntar esforços, mas com o uso de realidade aumentada, cara, que é um negócio muito mais barato do que realidade virtual, é um óculos muito mais barato que o óculos consegue representar onde o tiro caiu. Você consegue inclusive treinar o observador com isso.*

*S – Sim, é interessante.*

*E – Claro, é uma coisa pro futuro, né. Cara, eu queria falar sobre experiências fornecendo apoio. Você tinha mencionado alguns problemas com isso, algumas vulnerabilidades, que você encontrou quando fornecendo apoio. Mas quando você falou disso, você falou que a tropa que você tá prestando apoio direto, não é acostumada a pedir apoio. Você considera que nas vezes em que você prestou apoio de artilharia, foi mais vezes um apoio requisitado pelo comando operacional do que pela tropa em si?*

*S – Eu acho que sim. As vezes que eu tava prestando apoio pra uma tropa mais isolada normalmente o pessoal da manobra fazia todo o planejamento dele e perguntavam ao assessoramento do (...) de artilharia sobre o que que a artilharia poderia ajudar... É... além disso, a maior parte das vezes que eu fui apoiar uma tropa em exercício, foi dado ordem pro quartel de artilharia mandar um observador avançado pra lá, simulando que eles iam pedir tiro de artilharia, mas não tinha nenhuma outra artilharia no exercício, só o observador avançado, e algumas vezes quando eu chegava na tropa de manobra que eu tava apoiando eles nem sabiam que eu ia chegar lá.*

*E – Certo. Você tinha mencionado comunicações, qual é a sua percepção sobre o papel das comunicações tanto tradicionais como com rádio ou em rede, usando ebnet, o que for, no apoio de artilharia.*

*S – Ah, eu digo que sem comunicações nada que não seja apontar o obuzeiro pra tiro direto ia funcionar. Por que, pra ligar o observador avançado ou a tropa que tá pedindo apoio com a artilharia, ia precisar de uma... vou dizer um canal de comunicação que normalmente é rede rádio. O problema é que, imagine que você é um comandante de companhia, você vai ter a rede rádio pra falar com o seu comandante de batalhão, vai ter outra rede rádio pra falar com seus comandantes de pelotão, e tem que ter uma outra rede rádio pra artilharia, e pra cada rede rádio você precisa carregar um rádio. Na melhor das hipóteses, você pode usar um falcon 3 que é um rádio que tem dois ptts, aí você consegue conectar o mesmo aparelho em duas redes. Mas a quantidade de redes rádios que precisa pra comunicações é meio grande, então às vezes o camarada não fica com as comunicações do jeito mais rápido possível falando diretamente com quem ele precisava por causa disso, pra não criar mais redes.*

*E – Entendi.*

*S – Mas eu vou te dizer que, sem comunicação, praticamente nada funciona. O camarada fica sozinho, sem saber o que tá acontecendo em volta, se de repente toda a cavalaria já morreu, a artilharia não vai saber, se a artilharia tomou fogos de contra-bateria a cavalaria não ia ter como saber, não ia ter como a tropa de manobra pedir tiro, então sem comunicações nada funciona. Vou te dizer que tanto por rádio quanto por dados, as duas são muito boas, mas a de rádio como é um pouco mais simples, ela costuma falhar menos vezes. A maior parte das vezes que a gente tentou fazer comunicação por dados, a gente não conseguia, aí cada um puxava um celular individual e começava a se comunicar por fora pra tentar fazer a rede de dados falar. Na verdade, às vezes acontecia até a mesma coisa com rádio.*

*E – Você acha que esses problemas que você trouxe, não só das comunicações, mas das outras coisas, poderiam acabar se repetindo numa situação real?*

*S – Eu acho que sim, porque acontece na maioria dos exercícios.*

*E – É, pedir apoio de artilharia por whats app realmente é uma... é um fenômeno do século 21. (risos)*

*S – Vou te dizer que provavelmente ia funcionar melhor do que seguir o manual.*

*E – Mas o google ia saber onde você tá (risos) pedindo apoio de artilharia.*

*S – É, mas o google não tem como saber quem é o cara, ele não sabe se é o observador da Ucrânia, se é um civil russo...*

*E – Claro.*

*S – Ele vai saber que alguém ali mandou uma mensagem pra alguém que tá em outro lugar, não tem como ele saber mais do que isso.*

*E – É verdade. Você considera que a artilharia está bem equipada pra fornecer apoio de fogo? A artilharia em geral ou a sua OM.*

*S – Em questão do armamento principal que é o obuzeiro, eu vou dizer que sim, supondo que o equipamento esteja todo disponível, não esteja baixado pra manutenção. Em algumas viaturas que não são o obuzeiro em si, ou em algum material que não é o obuzeiro em si, no caso de quartel que não é blindado, alguns blindados, por exemplo, remuniciadora, blindado transporte de pessoal e blindado de manutenção, faltam. No caso de quartel de artilharia auto rebocado, eles tem mais viatura do que quartel blindado porque... o quartel blindado não tem a viatura pra tratorar o obuzeiro, inclusive às vezes em situação administrativa essa viatura faz falta no quartel. A desvantagem do quartel auto rebocado, ele normalmente precisa levar mais material do tipo barraca...*

*E – É, não dá pra dormir na viatura, né.*

*S – É. Na verdade nem no blindado o pessoal não costuma dormir dentro da viatura por causa do espaço e porque o material fica guardado lá dentro. O que geralmente acontece em exercício de blindado, é que o pessoal deixa o blindado na posição pronto para atirar, quando tem tempo pra dormir monta uma barraca iglu do lado do blindado, dorme lá e no outro dia recolhe a barraca. Às vezes a artilharia auto rebocada faz a mesma coisa, mas na artilharia auto-rebocada a gente tinha a opção de dormir na viatura, porque quando eles posicionam o obuzeiro , o obuzeiro não tem o chassi, só tem o tubo, aí eles desembarcam todo o material, montam ali em volta e a viatura fica livre pra dormir, só que assim, a doutrina de artilharia do exército brasileiro é deixar as coisas mais espalhadas, pra em caso de fogo de contra bateria , destruir menos coisas, então normalmente a viatura fica longe da peça, e às vezes o pessoal também leva uma barraquinha individual pra montar, ou às vezes leva uma barraca grande pra montar uma barraca pra cada guarnição de peça ou uma barraca pra cada duas peças próximo de onde os obuzeiros tão pro pessoal dormir lá.*

*E – Certo. Você acredita que a artilharia está bem treinada pra fornecer apoio de fogo?*

*S – Eu acho que não, porque o pessoal do serviço obrigatório passa no quartel só um ano e, como eles são a maior parte da mão de obra da tropa eles também ficam ocupando algum tempo com fazer faxina, formatura, algum trabalho braçal que precisa ser feito no quartel, então a maior parte do ano do pessoal do serviço obrigatório não é dedicado pra instrução. O pessoal de efetivo profissional, que é o soldado NB, que é o camarada que já fez o serviço obrigatório dele e foi voluntário pra continuar ele fecha contrato de ano em ano, o sargento que tem tanto sargento de Esa quanto sargento temporário e oficial, que tem tanto oficial de Aman quanto oficial temporário, tem mais experiência, o pessoal que é realmente bem treinado é o pessoal que é de Aman e o pessoal que é de Esa, porque o pessoal que é de Esa tirou pelo menos um ano pra aprender só artilharia, e o pessoal de Aman tirou pelo menos três anos pra não aprender só artilharia, mas gastava uma parte grande do tempo aprendendo artilharia, então esse pessoal tem mais experiência. O pessoal que não é de escola de formação, normalmente faz só um campo de... um exercício de artilharia durante a formação deles, que é um ano no caso do NPOR e um ano no caso dos recrutas, e mais tempo no caso do sargento temporário por que o sargento temporário normalmente entra como recruta, vira cabo, e depois vira sargento temporário, aí o sargento temporário tem um pouco mais de experiência naquele quartel, mas como a maior parte do tempo de um quartel não é voltado pra instrução, é voltado pra várias atividades, ele não fica tão experiente em artilharia em si. A vantagem de escola de formação tipo Aman e Esa, é que enquanto o camarada é cadete, ou aluno da Esa, ele só se preocupa com o treinamento dele, não se preocupa muito com outras coisas.*

*E – Você acredita que as outras armas estão bem equipadas pra receber apoio de artilharia?*

*S – Pra receber apoio de artilharia especificamente a melhor coisa era o pessoal ter GPS e a GLS pra conseguir levantar coordenada de alvo, normalmente, não tem. GPS o pessoal até tem, mas também acontece o fenômeno do pessoal baixar aplicativo de celular pra se localizar...*

*E – ... Que também é uma coisa que pode se reproduzir na situação real?*

*S – Sim, mas seria mais interessante não depender do aplicativo civil pra isso. A maior parte da Orientação do exército, o pessoal normalmente faz por carta e bússola, não faz por meio eletrônico. É eficiente, só não é o mais prático. E tem a GLS, que é uma estaçãozinha que tem um GPS e tem um telêmetro laser pra medir distância e você consegue até levantar coordenada de onde o seu (?retívulo?) tá vendo, então isso seria muito melhor se o pessoal soubesse usar. Eu nunca vi um quartel de infantaria e cavalaria que tivesse a GLS.*

*E – Você acredita que as outras armas estão bem treinadas para receber apoio de artilharia?*

*S – Eu acredito que não, porque a maior parte das vezes que tem um exercício envolvendo apoio de artilharia o pessoal tem bastante dificuldade pra organizar essa parte, até mesmo exercício de morteiro da infantaria, é o pessoal da artilharia divisionária que organiza, o pessoal da infantaria não organiza ele, até mesmo pra fornecer o apoio de fogo de morteiro, que devia ser orgânico de infantaria e cavalaria, o pessoal devia ter o treinamento que é o suficiente pra pedir apoio de artilharia, mesmo assim eles têm muita dificuldade, o pessoal até sabe usar tecnicamente o morteiro, colocar o morteiro numa posição e colocar a granada dentro dele pra atirar, mas a parte de fazer uma pontaria, localizar um tiro, corrigir um tiro que não caiu exatamente onde você queria, pro próximo tiro cair exatamente onde você queria, e a parte tática de quando que pede apoio do morteiro, quando que o morteiro atira, quando que o morteiro muda de posição, o pessoal não costuma fazer. Em parte porque o morteiro é mais difícil de usar, aí o pessoal prefere manter treinamento individual na infantaria e treinamento de blindado na cavalaria, o que o pessoal da cavalaria gosta mais de mexer é blindado, principalmente pra dizer que mexe com blindado, que é o embuste deles, e também munição de arma coletiva é bem mais cara que munição de fuzil, então vem menos. Pra você ter idéia, a maior parte dos quartéis de artilharia não atira todo ano, tem turma de recruta que se formou reservista e nunca deu um tiro de artilharia com munição real.*

*E – Você vê algum outro problema no treinamento da infantaria e da cavalaria na hora de pedir apoio de fogo?*

*S – Eu acho que teoricamente o pessoal tem as instruções suficientes pra pedir apoio de fogo, mas eu acho que normalmente eles não se interessam em aprender.*

*E – Você acha que existem oportunidades pra eles aprenderem então.*

*S – Eu acho que sim, até porque uma vez eu fiquei num acampamento junto com um capitão de cavalaria, ele pediu pra eu explicar pra ele a parte tática de artilharia porque ele não tinha muito acesso a manual, ou a instrutor, ou a situação em que ele tivesse facilidade pra ter a informação, mas ele queria aprender. A maior parte do pessoal não se interessa.*

*E – Mas, ao mesmo tempo, com certeza o cara tem que se interessar, mas ao mesmo tempo seria interessante se esse cara não precisasse conversar com o pessoal no treinamento pra ter acesso a essa informação, né?*

*S – Então, tem algumas vezes em que... tem instrução de... coordenação de fogos no GAC ou na artilharia divisionária que vai gente de artilharia e infantaria ter instrução lá, eu não posso dizer que acontecem todas as instruções porque eu não participei da maioria delas, normalmente é uma vez por ano e normalmente escalam alguns oficiais de artilharia pra serem instrutores, e o pessoal de arma base pra ter a instrução, então eu acho que tem oportunidade, era só o camarada perguntar alguma coisa que ele não entendeu.*

*E – Entendi. Certo. Você já comentou sobre isso, mas você acha que as comunicações estão bem equipadas pra fazer a ligação necessária entre as armas?*

*S – Em questão de qualidade de rádio eu acho que sim, mas em questão de quantidade de rádio eu acho que não, porque acontece com vários materiais, e material de comunicações inclusive, quando um quartel vai fazer atividade de exercício, tem que pedir material emprestado pros outros quartéis, acontece com tudo, acontece com viatura, acontece com rede de camuflagem, acontece com barraca, e acontece com equipamento de comunicações. Teve uma vez que eu queria acautelar a rádio no meu quartel pra fazer exercício de patrulha com os alunos do NPOR, e não tinha, porque o quartel teve que emprestar rádio pra outro quartel fazer outra atividade.*

*E – É meio complicado isso, porque numa situação real o outro quartel não vai emprestar, e aí tua OM vai estar com uma efetividade com (?) de 25%.*

*S – Sim, é verdade.*

*E – Questão de treinamento conjunto com outras armas, incluindo simulação, todos os tipos de simulação. Qual foi a frequência em que a sua unidade teve isso?*

*S – Existe o exercício da brigada que acontece com cavalaria e artilharia no mesmo campo de instrução, mas normalmente a artilharia não faz atividade junto com a cavalaria. A única atividade que o pessoal realmente faz junto das armas é quando tem tiro de armas de apoio de fogo que é obuzeiro de artilharia e o morteiro pesado da infantaria, que é coordenado pela artilharia divisionária. Aí tem o pessoal da infantaria dando tiro de morteiro, com a artilharia divisionária coordenando, e o pessoal da artilharia dando tiro com obuzeiro com o pessoal da artilharia divisionária coordenando. Mas eu nunca vi um exercício no terreno que o pessoal coordenasse o apoio de fogo com a manobra, eu já vi exercício de Estado Maior fazendo planejamento de coordenar apoio de fogo com a manobra, mas eu não participei porque é mais pros oficiais superiores.*

*E – Certo. Bom, existindo... porque assim, esse exercício do estado Maior às vezes eles fazem simulação construtiva, inclusive, que eles chegam e coordenam com a tropa simulada, mas são níveis diferentes, né, ainda que possa existir efetividade operacional, tem que existir efetividade tática, também.*

*S – É, o problema da maior parte das simulações construtivas que eu vi: normalmente é contra um inimigo muito mais fraco e tudo que o Estado Maior da tropa, que representa o Exército Brasileiro (faz) dá certo, e o inimigo nunca faz nada de surpresa.*

*E – Isso é importante.*

*S – O jogo é feito pro bonzinho ganhar, nunca acontece outra coisa. O exercício é sempre: A gente vai fazer um ataque coordenado, depois o aproveitamento do êxito. Tá, por um lado isso é importante pro pessoal saber o que vai acontecer no exercício, mas nunca aconteceu um ataque coordenado que deu errado, o inimigo nunca recebeu reforço inesperado, nunca aconteceu de o pessoal realizar um ataque e o inimigo na verdade não tava lá, realizar um ataque coordenado, seguido de operação defensiva, é sempre: concentração de meios, ataque coordenado, e aproveitamento do êxito. Todos os exercícios foram a mesma coisa.*

*E – Isso é importante. O que você mencionou de treinamento conjunto com outras armas. O pouco que você viu, você acredita que foi eficaz? Pra melhorar a coordenação entre as armas?*

*S – Pra falar a verdade eu acho que não, porques geralmente o pessoal das armas está no mesmo campo de instrução mas não tão fazendo a atividade junto. A única relação que tem de outras armas de verdade é quando tá dentro do próprio quartel, por exemplo, o aprovisionador do rancho, é um oficial de Intendência, o pessoal de comunicações da companhia comando ou da bateria comando tem um sargento de comunicações e o pessoal de manutenção é de material bélico, aí tem atividade entre as armas. Inclusive uma coisa interessante é que o RCC tem vaga pra oficial de material bélico, mas os outros quartéis blindados não, só o RCC, ele só tem sargento de material bélico. Ia ajudar se tivesse, principalmente porque não ia ter que colocar um oficial de artilharia pra fazer o trabalho de administração da oficina, que sempre acontece em quartel de artilharia. Mas a parte de integrar principalmente, tanto o apoio de fogo quanto o apoio de engenharia, principalmente o apoio de engenharia, porque é mais complicado ainda, pra manobra, quase nunca acontece de verdade.*

*E – E por último, você teve alguma experiência com a ForProm, né?*

*S – Sim.*

*E – Você acredita que a ForProm, na sua experiência, melhorou a capacidade da tropa envolvida? Em fornecer apoio? Porque a Forprom envolveu não apenas pessoal profissional, né? Teve recruta também na ForProm?*

*S – Não, a ForProm é... pelo menos aqui, foi montada no 5º GAC e eu posso te dizer com certeza, não tinha recruta, só tinha pessoal que... no caso de oficiais e sargentos, o pessoal chama de efetivo profissional, no caso de cabo e soldado chama de NB que é núcleo base porque eles só podem ficar no exército no máximo 8 anos. E eles vêm do serviço obrigatório. É, melhorou porque antes o quartel não conseguia montar uma subunidade em condição de atuar, agora, por mais que puxe efetivo e material do quartel inteiro e praticamente o quartel tenha que parar de funcionar pra fazer um esforço pra montar uma subunidade, o quartel consegue montar uma subunidade...*

*E – ... O quartel são 4 baterias...*

*S – É... o 5º GAC tem quatro baterias de obus e uma bateria comando, a bateria de obus é que é responsável pelo apoio de fogo em si, a bateria comando é responsável por tudo que precisa pras baterias de obuses e pro Estado Maior e o comandante funcionarem, desde montar a barraca do comandante, montar o posto de saúde, montar as comunicações dentro do GAC...*

*E – Numa situação real, fazendo esse esforço, sem emprestar material de outros quartéis, o 5º GAC consegue montar uma bateria de comando e uma bateria de obuses e funcionar as duas?*

*S – Normalmente quando vai só uma bateria de obuses você coloca a logística da bateria de comando dentro da bateria de obuses porque a bateria de comando serve pra fornecer o apoio pras quatro baterias e se reportar direto pro comandante, quando é uma bateria isolada, você acrescenta o pessoal de manutenção naquela bateria e um pessoal de rancho naquela bateria, ela consegue atuar como bateria isolada sem o resto do grupo.*

*E – Certo. O 5º GAC consegue botar em campo duas baterias?*

*S – Não.*

*E –Certo.*

*S – Talvez conseguisse, mas nunca foi feito antes, então não posso te dizer com certeza se consegue. Eu acho que não consegue porque já precisa bastante esforço, principalmente de concentração de pessoal pra montar uma. O maior problema é que quando tem o exercício, o quartel não fecha o quartel e vai todo mundo pro exercício, vai uma parte do pessoal pro exercício e o quartel tem que continuar a rotina normal, principalmente a parte administrativa, com o pessoal fora. Aí por exemplo... todo mundo é de alguma bateria, ninguém é só de uma sessão. Principalmente cabo e soldado, tem o oficial que é da conformidade, que é só da conformidade, não se reporta pra nenhum comandante de bateria, se reporta direto pro comandante, e tem oficial da SALC, que é sessão de aquisições e licitações de contratos, daí ele se reporta direto pro comandante, ele não é de nenhuma bateria, mas o cabo que trabalha na SALC, procurando pregão, é de uma bateria, e trabalha na SALC. Quando fizeram a forprom, concentraram todo o efetivo profissional em duas baterias, consequência disso, quase todo mundo da forprom é das baterias da forprom, e de alguma sessão, pra colocar a forprom no campo, a maior parte das sessões fica sem principalmente cabo e soldado, e algumas sem sargento, se tivesse como para o quartel e mandar todo o efetivo do quartel pro exercício, ou simplesmente não fazer nenhuma atividade com eles, talvez conseguisse , mas do jeito que o pessoal faz o exercício hoje em dia, colocando o pessoal no campo, e manter o quartel funcionando, não tem como montar duas baterias.*

*E – Certo. E por fim, outros comentários, ou apontamentos que você tenha sobre armas combinadas na sua experiência.*

*S – Que eu lembro agora não, acho que é só tudo o que eu já falei.*

*E – É isso, valeu bicho!*

Entrevista 2 (Nonaka)

- Com relação à (experiências, né) de receber e conceder apoio. Conceder apoio: muito fácil. Não tive dificuldade nenhuma, isso eu acredito que seja por causa da formação que eu tive na Aman, lá tu aprende as técnicas e táticas de procedimento do fuzileiro blindado, que é o papel já que o infante vai executar nas operações com a gente, então eu já conheço, né, já estudei as capacidades, as limitações, as técnicas, eu sei tudo que o comandante do pelotão de infantaria sabe, quando vai pra operação, então eu já conheço tudo isso, né, eu sei o que eles conseguem fazer e o que não conseguem fazer, então eu já tenho muito mais facilidade pra isso aí. Em receber apoio da infantaria, né, é difícil. Porque eles não tiveram essa experiência que eu tive, então se os militares ali, principalmente nível pelotão, não buscarem as informações ali, essas informações que eu falei antes, com os comandantes de pelotão de carros de combate, essa integração fica muito mais difícil. Inclusive em uma das simulações ocorreram perdas do meu pelotão porque a infantaria não executou uma segurança aproximada corretamente, deixou os carros de combate do pelotão vulneráveis, e a gente acabou perdendo dois carros. Isso por causa de uma simples falha deles. Isso é lá desde a Aman, na minha opinião a mentalidade deles não é adequada pro combate convencional. Principalmente nesse apoio no combate blindado. Eles não tem instrução sobre isso aí, sabem muito pouco, não conhecem o material deles, e aí fica aquela...é...amadorismo. Cm relação a comunicações, eu julgo assim que receber o apoio deles foi ok também, né, existe a limitação material, isso com certeza existe, falta meios com maior capacidade, que possam prestar o melhor apoio, que possam realmente manter as comunicações ali o mais constantes possível né, e em boa qualidade, mas isso aí o exército já tá... melhorou muito, né, se qualquer um conversar com um militar mais antigo, vai descobrir que na época deles era muito pior, né, a gente já tá caminhando aí há um bom tempo aí no caminho correto eu acredito.

Artilharia: só de 2021 pra 2022 eu fui em dois estágios de coordenação de apoio de fogo, né, então não tem problemas com essa parte aí, tenho segurança em pedir apoio de fogo, corrigir, enfim, essa parte é tranquila, né, e meios de material bélico: ok também. O pessoal do regimento lá, eles tem conhecimento, mas sempre falta ali a parte material, né, às vezes ocorre ali problemas nos carros, é normal, carro de combate sempre vai estragar, muito pesado, o desgaste é mais intensivo, né, das peças, e uma hora ou outra vai quebrar, mas quando quebrar numa operação, imagino que o reparo, né, as peças sobressalentes aí deveriam existir, né.

- Ah, vou pular aqui pra 5 que a 4 eu não entendi direito aqui, tá, mas aí eu já peço esclarecimento aí. Vou falar com relação aí ao 5, né, como eu falei o maior contato que eu tive, né, com armas combinadas, né, foi durante o período da forprom, esse período da forprom aí acredito que a gente treinou umas... realizou ali operações pelo menos três vezes juntos, né, num ano, é uma atividade assim muito interessante, realmente tá operando junto com todos os elementos, né, que realmente estariam presentes num combate, é muito válido esse treinamento, e realmente começaram a ocorrer, né, pelo menos aqui na 5ª brigada, com mais seriedade, com a forprom. Eu tenho essa impressão, né, que algumas unidades ainda não levam muito a sério isso aí, né, mas já está muito melhor do que era antigamente. Com a forprom melhorou muito. Se a unidade levar a sério, né, esse aspecto aí, melhora pra caramba e as operações tem como envolver militares das diferentes armas, envolvendo aí todos os elementos aí de manobra, de apoio, (???), já vai melhorar muito mesmo.

- O Forprom no ano de 2021, , a fase ali de instrução e certificação começou ali no mês de janeiro, e se encerrou no mês de julho, com a certificação ali da simulação viva, com participação do centro de adestramento do sul, né, foi a partir ali que a gente foi certificado a gente entrou na fase ali realmente de prontidão, né, e permanecemos em prontidão por um ano, finalizando ali em julho de 2022. Arma combinada, né, o que que é o emprego de arma combinada, é, literalmente, né, como já fala, armas combinadas é o emprego do sistema ali de comando e controles, comunicações, artilharia, é, as armas de manobra, infantaria, cavalaria, né, e o emprego ali do serviço de material bélico e intendência, né, pra que ocorram... o exército, né, a força, sejam eficientes no combate, não tem como obter sucesso aí sem o trabalho conjunto de todas essas armas e serviços que eu falei. Se falhar em algum desses aspectos, a missão pode ficar bastante comprida, mas já vai causar um grande déficit aí e dificuldades aí pra se chegar até esse resultado.

- Sobre a interoperabilidade, né, é a capacidade ali de cada... desde os elementos de manobra, infantaria e cavalaria, conseguir entender a forma que cada uma trabalha, né, como as comunicações, engenharia, né, entender ali os meios que a gente utiliza e como que ele pode proporcionar apoio, né, o melhor apoio possível aos nossos meios, né, e às nossas TTPs, (Táticas, técnicas e procedimentos, junto disso, pelo menos... isso tudo sobre o nível tático, no nível tático ainda, na bucha, né, via de regra todas tem que conhecer um pouco sobre o trabalho da outra, não precisa chegar a se aprofundar, mas tem que saber como que ela trabalha no terreno, né, a possibilidade do material dela, o que que ele pode fazer, o que que não consegue fazer, a vulnerabilidade, e tem que estar enraizado, né, o ideal é que todo militar que estiver atuando na operação, principalmente se estiver mais cerrado, como no caso ali, infantaria e cavalaria, realmente saber ali como mitigar a vulnerabilidade um do outro.

- Com relação à pergunta 2, existem vários tipos de cavalaria, a mecanizada, que praticamente consegue operar ali só com o apoio mais da artilharia, das comunicações e dos outros serviços, já a cavalaria blindada tem algumas peculiaridades, principalmente na concepção que o exército adotou. Existem os RCBs (Regimento de Cavalaria Blindada) que dentro deles já existem duas subunidades de carros de combate, e duas subunidades de fuzileiro blindado, então elas já... o regimento de cavalaria blindado, esse RCB, ele por si só já consegue formar uma FT, uma Força Tarefa. Via de regra, pode não ser sempre, mas na maior parte das vezes, sempre que tiver uma operação, de cunho regular, sem ser GLO, vai ser formada uma FT. Justamente porque o exército ele já reconheceu, né, que só o carro de combate não consegue combater o inimigo sozinho. O carro de combate tem várias limitações quando em ambientes fechados, em ambientes urbanos, e também na área rural, ele tem grandes limitações, principalmente ocupar terreno e realizar verificações detalhadas. Então na bucha, carro de combate vai estar sempre necessitando da infantaria, tanto pra fazer reconhecimento em bosques, realizar segurança aproximada enquanto os carros de combate passam ali por um ponto crítico, uma ponte, uma região de afunilamento, transposição de curso d’água, então vai estar sempre necessitando da infantaria, e da mesma forma a infantaria vai estar sempre precisando da cavalaria, porque devido ao sistema de armas que eles têm , que está atualmente defasado, só um M113 BR agora, com uma ponto 50, não possui capacidade nenhuma contra armamento de carro, tirando ali o armamento orgânico, né, o lança rojão AT4 e o (???). Tem também lá dentro da companhia deles lá uma sessão de canhão sem recuo, e esses são os meios que eles possuem atualmente pra combater a ameaça blindada, todos ali não excedem o alcance de 800 metros. Então a participação da cavalaria, principalmente com a infantaria, visa ali mitigar a vulnerabilidade e a limitação da infantaria, a infantaria vai mitigar a vulnerabilidade da cavalaria, em ocupar terreno, em fazer essas verificações minuciosas em regiões que o carro de combate não possui a visão, que tem mais dificuldade de adquirir alvos, e o carro de combate é um meio nobre, né, então não dá pra simplesmente mandar pra uma situação em que a chance é grande de perder, e não ocorrer a participação da infantaria e da cavalaria.

- Faltou aqui eu falar sobre o apoio da engenharia, a engenharia é fenomenal, não tenho muito o que reclamar deles não, são militares muito competentes com bastante capacidade, capacidade de trabalho, a única ressalva que eu faço é justamente na parte ali de maleabilidade deles, essa parte tanto de realmente constituir uma fração, de treinar essa fração pra conseguir chegar numa operação ali, conseguir executar bem essas tarefas, e conseguir desenvolver as TTPs junto do trabalho da cavalaria. Eu nunca servi em um quartel de engenharia, né, até porque eu não posso, mas o que eu conheci, né, de conversar com os outros militares que serviram é que falta efetivo. Então o mesmo tenente às vezes acaba cumprindo várias tarefas administrativas, missões que recebe ali do quartel e essa parte de adestramento acaba ficando um pouco relegada pra depois. E isso acaba prejudicando o adestramento deles. Mas isso ocorre em todos os quartéis. Todo o oficial, e sargento tem mais de mil atribuições aí dentro do quartel, e complica mesmo na hora de partir pro adestramento.

- Em relação à questão 3, apoio de artilharia eu já falei, é tranquilo, só que esses estágios que ocorrem aí, eles não podem parar de ocorrer. Infantaria, como eu já falei, tendo conhecimento ali da capacidade deles, é muito fácil. Engenharia já é um ponto à parte, porque... eu, no meu nível, né, nível de comandante de pelotão, eu não tenho... eu não consigo solicitar... é difícil de explicar. Porque cada um regimento, né, uma FT nível regimento, nível unidade, digo, ela recebe um pelotão de engenharia, né, em apoio, fica em apoio à FT. Então esse pelotão, às vezes, de acordo com a intenção do comandante, ele vai ser dividido em algumas partes pra apoiar o regimento. Geralmente vai estar na ação principal do ataque, ou da defesa, e na ponta da linha mesmo essa coordenação é feita pelo comandante de esquadrão. Num ataque, por exemplo, eu como comandante de pelotão, eu vou servir como ... eu vou fazer o sensoriamento, né, vou ver o que está ocorrendo, digamos que encontrei um fosso anti-carro, ou um campo de minas, eu vou informar meu comandante de esquadrão, comandante de FT, e ele vai , se ele achar que é o caso, vai acionar a engenharia. Então eu não tenho comunicação direta com a engenharia. Muito difícil mesmo. E a aviação do exército, nunca me envolvi em nenhuma atividade que ocorresse ataque com helicópteros, com meios aéreos, então ainda não tive essa experiência, não posso falar nada sobre ela.

- Papel das comunicações, apoio e armas combinadas: pô, é fundamental. Não tem como... as comunicações, elas vão dar a consciência situacional pro comandante de esquadrão, né, e pro comandante de regimento. Aí depois o regimento vai dar a consciência situacional pro nível brigada, então, se ocorrer uma falha de comunicação, desde falha humana na exploração das comunicações, o camarada não sabe utilizar o rádio, não sabe configurar ele, não sabe utilizar ele propriamente, vai dar um problema. E se a Cia Com da brigada não tiver meios , tanto a cia com da brigada como o pelotão de comunicações do regimento, não tiver os meios adequados pra realmente prover todo esse apoio, vaai ocorrer falhas nas comunicações, desde mensagens não chegando ao escalão superior, como ordens do escalão superior não chegando à ponta da linha.

- 6 então: Quanto maior for a capacidade de uma tropa trabalhar com a outra, né, quanto melhor ocorrer esse trabalho, quanto melhor houver as comunicações, quanto melhor ocorrer o entendimento de como cada uma funciona, melhor vai ser a execução da atividade, da operação, do combate, do ataque ou uma defesa. Isso não há dúvidas. Mas atualmente, ocorre às vezes ali, ocorre o problema de não ocorrer isso aí. Tanto às vezes pela... acredito, né, seja uma falha na formação, principalmente no que eu mais vejo, na falha de formação da infantaria. Como eu disse anteriormente, não vi treinar, realmente, todos os meus tempos de formação não vi ocorrer assim exercícios da parte de fuzileiro blindado da infantaria, não conheci nenhuma militar da infantaria que conhecesse o material que emprega, conhecesse as formas de utilização do material, que tivesse a mentalidade de manutenção, que realmente soubesse empregar bem os meios, eu não tive contato ainda, e ainda nessa parte de... pro camarada trabalhar com o outro, ele tem que ter a humildade de saber que ele não tem toda a capacidade do... que só ele não ganha a guerra, né, ele tem que ter essa humildade. E às vezes isso não ocorre. O camarada não... na infantaria, claro que não vai aprender sobre carro de combate, mas na formação o camarada tem que ser ensinado, tem que falar: ó, quando ocorrer isso aqui, quando você for empregar junto, você tem que cerrar lá e aprender como é que o camarada usa o material dele, e durante a formação, quando o camarada for trabalhar FT blindada, ele tem que receber ali o básico de FT blindada, tem que saber que o carro de combate tem, genericamente, tem essas limitações, como que a gente faz segurança aproximada, onde é que a gente fica quando o carro de combate for atirar, né, ele tem que saber esse básico. Não tem como o cara chegar sem nenhuma mentalidade dessa aí na tropa, ele tem que ficar correndo atrás na hora do (?).

- Complementando aqui, né, a 6, a forprom foi... trouxe um ganho aí imenso pro exército, pelo menos essas brigadas que compuseram aí a forprom, né, o camarada conseguiu ter vários tipos de experiência, conseguiu ver como é que funciona, na parte de doutrina, consegue-se ver as falhas, né, então desde que começou, né, forsul (?), forprom, a evolução doutrinária que a gente teve, né, é grande. Desde que começou, já foram atualizados vários cadernos de instrução, vários manuais, né, então foi uma coisa...essa fase aí de adestramento, de força de prontidão, melhorou muito o adestramento da tropa.

- Vou tentar responder a 4 aqui, mas... da melhor forma possível. Com relação a equipamento e adestramento, no regimento onde eu estou, eu acredito que está bem equipado e está bem treinado sim, pra apoiar as outras armas, os outros elementos que estiverem envolvidos na operação. Já, como eu disse, nas outras perguntas, pra receber, acredito que as outras talvez não estejam tão bem. Principalmente ali na capacidade de comunicações. Eu falo bastante assim da infantaria porque é o que eu mais via, durante as operações. Era o que mais estava perto de mim, né, então eu conseguia ver melhor. E até agora eu vi bastante deficiência no apoio da infantaria. Principalmente na parte de mentalidade. Mentalidade de conseguir levar a sério, de conseguir... de ter interesse em... de ter um interesse maior ali de interagir com outra arma, de ter a humildade de ... enfim, pra mim é uma questão assim de mais mentalidade e um pouco de conhecimento, né, um pouquinho de falha na formação. As comunicações, né, cada fração, né, um pelotão de cavalaria ele já vem com os seus “meios com”, né, pelo menos nos carros de combate, né, então ele já vem com os seus “meios com” assim no carro, a gente tem rádios muito bons, muito fácil de usar, né, a infantaria já tem os rádios veiculares, dos blindados, e tem os rádios portáteis deles, essa parte, né, existe uma deficiência sim, o nosso radio é diferente do da infantaria, então ocorre é que a gente não consegue usar criptografia nem o salto de frequência dos rádios, quando a gente tá conversando com a infantaria, né, numa FT como eu disse, vai estar todo mundo operando junto, vai ter um militar da artilharia junto, vai ter um pelotão, ou sessão, ou GC, e engenharia apoiando, e vai estar todo mundo utilizando o meio rádio, né, e no caso do Sidelpar (?), eles utilizam o rádio tadiran, ou VRC 120, e devido a ser um rádio diferente do resto de todo mundo a gente não consegue utilizar a criptografia, falando todo mundo nessa mesma rede, então ocorre aí a... pra gente se comunicar numa FT, tem que falar em claro, que é uma grande vulnerabilidade, né, se outra pessoa programar em qualquer rádio essa outra frequência, essa frequência que a gente tá usando, né, ela vai captar essa nossa frequência e vai ouvir tudo que a gente tá falando, ou a forma que a gente utiliza pro inimigo não saber o que a gente tá falando, é utilizar palavras que sintetizem uma ação, a gente ... como se fosse um ... a gente substitui uma palavra pela outra, digamos, se eu falo no rádio que é pra parar, ordem ao pelotão, alto. No rádio eu posso falar: ordem ao pelotão, câimbra. Eles vão entender que eu tô... que o pelotão vai parar, né e da mesma forma eu posso fazer pra passar outras ações e informações pro meu comandante de esquadrão. Aí digamos, lá, se eu vi um pelotão de carros de combate inimigo, eu vou falar pro meu comandante de esquadrão, é, quatro tartarugas em tal posição, entendeu? E essa é uma das deficiências, o “meio com” não ... apesar de ser compatível, não consegue utilizar todas as capacidades do rádio. E isso nível redeFT, né, já com relação ao apoio das comunicações nível unidade e brigada, né, eu não posso dizer, não sei. Acredito sim que deva ocorrer algum gargalo. Mas, como eu disse, né, já, se esse gargalo tá ocorrendo, né, acredito que o pessoal esteja correndo atrás, pra sanar essa deficiência aí.

ENTREVISTA 3 –

Leonardo Sodré Pereira Ribeiro, 2º Tenente de Infantaria servindo no 50º Batalhão de Infantaria de Selva. Atualmente integro a ForPron da 23ª Bda Inf Sl

- Respondendo aqui tua primeira pergunta: o que significa armas combinadas. Cara, então, no meu entendimento, as armas combinadas são, por exemplo, a gente formar uma Força Tarefa componente com infantaria e cavalaria, aproveitando da massa e da quantidade de manobra da infantaria e da proteção blindada da cavalaria pra fazer um ataque coordenado por exemplo. E Interoperabilidade é a gente utilizar as características das armas em prol de um objetivo só, então por exemplo o exercício de certificação da forprom desse ano, meu pelotão utilizou do apoio da cavalaria, pra fazer um investimento de localidade, com o apoio dos blindados pra proteção, a gente tinha apoio de comunicações em que eles instalaram repetidoras ao longo do terreno pra facilitar o enlace das comunicações, a artilharia tava apoiando a gente com fogos de preparação, antes dos ataques, e a engenharia tava apoiando a gente em mobilidade e contra mobilidade, então por exemplo a gente precisou ultrapassar um campo de minas, e uma área protegida com obstáculos de engenharia, então a tropa de engenharia que tava em reforço à minha companhia fez a abertura de brecha necessária pra gente continuar no ataque.

- 2ª Pergunta: Em situações de combate que a minha arma, a infantaria, precisou de apoio. Então, a infantaria por si só ela já consegue realizar as ações principais, a gente consegue fazer um ataque coordenado sem apoio de cavalaria, consegue conquistar o objetivo, então quando que a gente vai precisar de apoio, principalmente da engenharia pra fazer realmente essa abertura de brechas, numa área previamente defendida e preparada com obstáculos de engenharia, seja concertina, campo minado, fosso anti-carro, e assim por diante, e apoio de artilharia em fogos de preparação entes da gente realizar um ataque pra gente já atacar uma posição sumariamente devastada aí pelos fogos de artilharia. Situações que outras armas podem precisar do apoio da minha: da infantaria. Então, a engenharia, ela precisa da tropa de infantaria pra realizar a segurança dela enquanto tá fazendo essa abertura de brecha, esse é um exemplo. E experiência recebendo e concedendo apoio de outras armas foi mais recente agora na certificação da forprom, que eu precisei da engenharia pra fazer a abertura de brecha, e da cavalaria pra dar a cobertura blindada e situação de apoio foi que realmente o meu pelotão teve um momento que teve que fazer a segurança da tropa de engenharia pra eles poderem fazer a abertura de brechas em segurança.

- 3ª Pergunta: experiência requisitando apoio. Então já tive na Aman experiência pedindo apoio de fogos iluminativos de artilharia, pra fazer um ataque noturno, tive apoio de engenharia pra realizar transposição de curso dágua, pra realizar um ataque coordenado nas elevações que eram após o rio, um rio que não tinha como a gente transpor a pé, e apoio de engenharia praticamente em todo exercício grande que tem (?) exercício final como manobra escolar, o próprio exercício de certificação, geralmente a gente sempre ataca uma posição que já tá previamente defendida, ou seja, defendida com posição de infantaria e também com obstáculos de engenharia, então a engenharia tá apoiando a gente na mobilidade e contra-mobilidade pra gente poder seguir no avanço com as tropas pra realizar o ataque. Experiência fornecendo apoio é principalmente fazendo a proteção desses elementos de engenharia, tanto pra fazer abertura de brechas no campo de batalha, e também pra realizar transposição de curso dágua, então enquanto eles tão montando todo aquele maquinário deles, a gente tá lá realizando a segurança deles. E o papel das comunicações no apoio às armas, cara, sem as comunicações a gente não vai conseguir combater, então seja apoiando a gente com outros rádios, que talvez a nossa tropa não tenha, ou instalando repetidoras pra gente conseguir falar uma maior distância, ou até mesmo provendo apoio de internet, então eu já passei por situação real que a companhia tava numa terra indígena no interior do Pará, que não tinha sinal nenhum de nada, e o elemento de comunicações que foi com a gente conseguiu montar uma antena satelital, e tava fornecendo internet pra gente conseguir manter o contato com o batalhão.

- o ítem 4 aqui: Então a infantaria está sim bem equipada pra apoiar e receber apoio, só que principalmente pra receber apoio, né, então como a infantaria ela é uma arma de manobra, a função principal dela não é apoiar, então a gente realmente só vai apoiar prestando segurança dos elementos que vão à frente pra realizar essa abertura de brecha, e como apoio é o principal que eu vejo. Não vejo outra situação aí de apoio. As outras armas estão sim bem equipadas pra apoiar a infantaria, tanto que a engenharia constantemente tem recebido novos materiais, as peças de artilharia também estão constantemente sendo modernizadas, tá ligado, então estão bem equipadas sim. As outras armas estão bem treinadas para apoiar e receber apoio, sim, tanto que a principal função da engenharia , artilharia, comunicações, é realmente estar apoiando a infantaria e a cavalaria, então eles estão sim bem em consição de fazer isso. E as comunicações têm sim bastante ... têm bons equipamentos, têm material moderno pra estar realizando esse apoio.

Obs: Aqui no 50º BIS é um batalhão Tipo 2,ou seja, tem 2 companhias de fuzileiros e uma de comando e apoio, só que nas companhias de fuzileiros, 1 é de efetivo variável, soldado recruta, né, e a outra é efetivo profissional, que integra a ForPron.

ENTREVISTA 4 –

E – Posto, arma e unidade que serve.

S – 2º Tenente de Infantaria, servindo no 30º Batalhão de Infantaria Mecanizado, em Apucarana, PR.

E – De qual turma você é?

S – Turma de 2020 da Aman.

E- O que significa Armas Combinadas, pra você?

S – Do meu ponto de vista, as armas combinadas seriam aí a junção das armas dentro do exército, né, então, infantaria, cavalaria, artilharia, que é o principal, na verdade, que são as armas de contato, que é o que eu entendo, né, a interoperabilidade entre elas, então, a função de cada uma, aí, exercendo sua função em cumprimento de um objetivo em comum.

E- Em que situações de combate você acha que a infantaria precisa de apoio de outras armas?

S- Praticamente todas. A gente fez bastante exercício esse ano, focando principalmente nisso aí, realmente, por isso que eu achei mais legal ainda o seu tema, meu ano inteiro foi praticamente a função de combate de cada arma ali sendo aplicada em função do objetivo comum. Então a Engenharia, realmente limpando área, ou então criando obstáculo, a artilharia apoiando pelo fogo, e a cavalaria e a infantaria, elas fazem basicamente a mesma função, no combate, o que acontece é que cada uma ela tem um fraco que é o ponto forte da outra, entendeu?

E –Então, pra explorar isso, qual você acha que é o ponto fraco e forte da infantaria e cavalaria que a outra pode ajudar?

S – A Infantaria Mecanizada, a infantaria como um todo, ela tem um ponto fraco no sentido de arma coletiva, então a metralhadora, posição defensiva bem estabelecida, e a cavalaria é ao contrário, então ela tem certa proteção a mais do que a infantaria, ela consegue superar esse tipo de coisa, mas o fraco dela é: armamento anti-carro, quem vai é a infantaria, e a posição defensiva é a cavalaria.

E – Vocês fizeram vários exercícios esse ano, como foi sua experiência concedendo e recebendo apoio de outras armas, especialmente da cavalaria e da artilharia?

S – Da cavalaria foi reduzido aqui, porque a minha brigada aqui ela tem só os urutu e cascavel, então é bem defasado o apoio deles, eles fazem praticamente a mesma coisa que a gente, então a gente não precisou muito do apoio deles não, mas quanto à artilharia, em vários momentos sem o apoio da artilharia a infantaria não avança.

E – Vocês tiveram então treinamento conjunto com a artilharia? Requisitando apoio? O que você achou da eficácia do treinamento, você achou que o pessoal tá conseguindo pedir apoio, que a artilharia tá conseguindo entender?

S – É uma defasagem que a gente tem da Aman, na verdade, muito grande nisso, a gente não aprende a operar em conjunto, então eu fui aprender a operar em conjunto com a engenharia e a artilharia agora esse ano.

E- Então vocês aprendem a operar em conjunto já na OM?

S – Não é uma coisa que é muito comum na Aman não, eu aprendi aqui; em geral, a gente nem aprende, na verdade, mas por conta aí da ForProm a gente tá aprendendo, entendeu.

E – Isso é uma coisa interessante, porque eu tô ligado no esforço da ForProm, eu acho bacana, mas faz parte da Forprom aprender a operar em conjunto com as outras armas?

S – Faz, porque é a brigada como um todo, né, tem a artilharia, tem a engenharia, tem a cavalaria, tem a Intendência, tem Material Bélico, então todas essas armas estão envolvidas, só que como eu sou tenente, então o meu (?) é mais baixo, então eu tava trabalhando com a artilharia e a engenharia no máximo, ali. Se precisava de logística, tinha tenente de logística pra fazer, entendeu?

E – Pelo que você tá falando, pode existir certa defasagem técnica, né, porque se vocês não aprendem na Aman, a operar com outras armas, é possível que estejam focando no aspecto operacional, esperando que o comando operacional resolva isso, né, sem depender tanto do nível tático.

S – É, só que, o que acontece, quem vê onde tá o inimigo, quem sabe a posição, quem pede fogo, é o nível tático, entendeu? Então, o que acontece, eles esperam que a gente conte muito apenas com o apoio de fogo orgânico do Batalhão, que seria o Morteiro 120, e o da Companhia, (compania?) que são os morteiros 81.

E – Só que o morteiro 120 não faz o fogo de contrabateria da artilharia divisionária, né?

S – Não, exatamente, só que mesmo a parte de artilharia divisionária, aí já é muito acima, aí realmente é... não precisa do nível tático. No nível tático você nem pode fazer esse pedido, né, você não esclarece que tipo de fogo você quer, você fala que quer fogo em tal posição, passa pra cima, aí tem o (ocafe?) que é o oficial aprovisionador de arma de fogo, se não me engano, acho que é isso, a sigla, aí ele que vai decidir qual é o melhor fogo pra bater (abater?) naquela posição, entendeu? Então a gente tinha à nossa disposição os 81, os 120, os 105, e aí à disposição do batalhão 155, esse tava figurado mas tinha, entendeu?

E – Ah, mas então você operou com artilharia de obus em apoio direto a você também.

S – Isso.

E – Nesse exercício você teve algum, mesmo que figurado, alguma experiência trabalhando com apoio aéreo aproximado, seja da viação do exército ou da FAB?

S – Teve, teve sim, mas esse aí foi da simulação virtual, apoio deles batendo, se não me engano, na artilharia inimiga.

E – E teve integração com o nível tático? Você sentiu que existia comunicação?

S – Não, esse foi nível acima do meu. Eu só soube que teve, não cheguei nem a participar.

E – Nesse sentido de requisitar apoio, etc, qual você sente que é o papel daqs comunicações em 2022? Você sente que tá havendo uma mudança pra comunicações em rede ou uma prevalência de comunicações tradicionais?

S – A gente usa o sistema Falcon da Harris(?), o rádio militar, ele não é militarizado, ele é realmente militar, ele é codificado, tudo, e o que acontece, eu, do meu ponto de comandante de pelotão, eu falo com os meus comandados, e com o meu comandante de companhia, é isso que eu tenho de contato das (?), entendeu? Então tudo que eu preciso eu passo direto pro comandante de companhia, e o que eles precisam eles passam pra mim. É por rádio, tudo rádio. E como a gente trabalha com o Guarani, não tem ninguém, é um sistema bem moderno, realmente funciona.

E – Vocês tão trabalhando com o Guarani com canhão de 30 ou com a metralhadora?

S – O canhão de 30 ele faz parte do pelotão anti-carro do batalhão, então teoricamente são 4 canhões 30 mm P-30 (?) pro batalhão, e os pelotões trabalham com a remax (?) ou com a metralhadora manual.

E – Mas o teu batalhão inteiro tá trabalhando com o guarani?

S – Sim. As duas companhias mecanizadas têm guarani. Só que a minha companhia, como é a de efetivo profissional, aí todos os nossos guaranis tem armamento. Os da outra companhia, a maioria não tem.

E –sobre requisitar apoio, quando você requisitou apoio de artilharia, você sentiu que havia treinamento suficiente? O que você achou do resultado?

S – Ele foi eficaz, só que foi muito demorado. A gente não é acostumado a pedir fogo, e eles não são acostumados a responder nosso pedido de fogo, entendeu? Eles são acostumados a receber uma missão de fogo e fazer.

E – Ah, eles recebem a missão do comando e executam, entendi.

S – Isso, pedido de apoio que sai da ponta da linha pra eles, eles têm um pouquinho mais de dificuldade. E... a gente foi passando tempo aí... como eu te falei, foi o ano inteiro desse adestramento, então a gente aprendeu a fazer o quê, as tabelas-código, entendeu? Então já batia certinho os fusíveis contra os inimigos, já pedia fogo na coordenada certa, então ele já tá no ponto pré-combinado, pré-estabelecido. Eles já tinham a coordenada, já tavam na direção geral do tiro, então eles sõ tinham que corrigir realmente, de acordo com a posição que você passava. Você falava: tal lugar, 150 à frente e 50 à esquerda, entendeu?

E – Você sentiu que melhorou isso, então?

S – Aí melhorou bastante, do começo do ano pra nossa operação real em julho.

E – Então você acha que a infantaria tá bem treinada pra receber apoio de outras armas? Porque, pelo que você falou, você tá percebendo uma melhora no treinamento de requisitar fogo.

S – Tá, é difícil falar a infantaria como um todo, eu digo pra você: a minha companhia.

E – Certo.

S – A minha companhia do batalhão, dentro da força de prontidão, eu acho que é a companhia mais apta a fazer isso, eu digo por... não é de acho, de ego, entendeu? É realmente pelo desempenho da minha companhia e das outras, entendeu? E a minha também é realmente o efetivo mais antigo de todas as companhias, meus soldados mais modernos são de 2020, por exemplo.

E – Entendi. E nessa questão da sua companhia ser mais eficaz, você acha que a ForProm teve um papel importante?

S – Porra, teve, porque os outros batalhões e as outras companhias têm um rodízio de... os outros batalhões, principalmente, né, porque é uma companhia de cada batalhão, então os outros batalhões têm um rodízio do efetivo que participa, e a minha cia não, é o 3º ciclo de ForProm seguido que é o mesmo pessoal. Fizeram uma OFI, uma DEFI e agora uma OFI com foco em operações noturnas.

E –Nesse sentido, você tinha falado que vocês passaram fazendo bastante exercício, também... sobre treinamento conjunto com outras armas, esses exercícios que você fez, só os conjuntos com outras armas, você sente que foram frequentes, ou foi só um ou outro?

S – Não, esse ano foi. Esse ano a gente teve pelo menos três aí com a artilharia e dois com a engenharia.

E – Você tem algum outro comentário ou apontamento sobre operação em conjunto com outras armas? Alguma vulnerabilidade que você perceba?

S – Da infantaria mecanizada e da minha brigada, a cavalaria mecanizada ela é muito defasada em relação à infantaria, agora, principalmente por conta do guarani. E a artilharia também, a nossa artilharia não consegue acompanhar a velocidade de movimentação da infantaria. Então muitas vezes a gente era parado. Teoricamente a artilharia tinha que ser autopropulsada mecanizada, né, a minha brigada é de infantaria mecanizada, todos deveriam ser... mas a artilharia usa o light cam, se não me engano. Então muitas vezes a gente barrou o avanço porque eu perdi o apoio da artilharia.

E – A cavalaria mecanizada de fato me parece um pouco mais defasada, né?

S – É, agora tão indo os guarani pra eles também... mas até então era urutu e cascavel.

E – A capacidade do urutu e do cascavel vai estar bem mais limitada a reconhecimento, um ou outro apoio de fogo, mas eles não vão conseguir exercer a capacidade de um leopardi da blindada num campo aberto, esse tipo de coisa...

S – A gente sabe realmente que não é essa a função, sabe? Mas eles não têm um substituto, por exemplo, era pra eles terem o striper/striker (?) que é aquela viatura 8x8, se não me engano, que tem um canhão de 105mm. A gente tem um cascavel, entendeu, com um canhão de 90 manual, o urutu então nem se fala, mas o urutu a gente substitui com o guarani facilmente, porque são carros muito parecidos, mas o cascavel, realmente, a gente não tem nada parecido com ele.

E – Voce sabe se existe plano pra equipar o Guarani com canhão de 105, alguma coisa assim? Um sistema de apoio de fogo mais forte?

S – Existe todo um planejamento de uma família inteira Guarani pra suprir todas as necessidades de guarani, então guarani apoio, guarani saúde, guarani resgate, guarani anti-aéreo, guarani morteiro...

E – Você chegou a ter alguma experiência operando junto com a força aérea ou com a marinha?

S – Não. Só com a aviação do exército mesmo.

E – E não foi tático, né? Com a aviação do exército?

S – Não, não foi tático, foi só realmente entra no helicóptero e desce.

ENTREVISTA 5 –

E – Nome, posto e arma.

S – Laflor, 1º tenente da arma de cavalaria.

E – Em que unidade você serve?

S – No 16º esquadrão de cavalaria mecanizada, em Francisco Beltrão.

E – Em qual turma da Aman você se formou?

S – 2019.

E – O que significa, pra você, armas combinadas?

S – Pra mim é poder de combate, apoio mútuo; não existe só infantaria, ou só cavalaria, ou só as comunicações. Eu tô a três anos aqui na brigada e todo ano a gente se certifica nessas armas combinadas, né, então é a junção de tudo, não é só uma arma, então eu tô a três anos vivendo nesse meio, eu trabalho com a infantaria, engenharia, artilharia, comunicações, material bélico, e a cavalaria, né, então é esse poder de combate, ela ajuda a manter o poder de combate sendo uma tropa.

E – E a palavra Interoperabilidade, te traz alguma coisa?

S – Eu acho que é a conexão do conjunto pra poder seguir teu objetivo.

E – Bacana. Você é da arma de cavalaria. Em que situações você acha que a sua arma precisa de apoio?

S – Nesses três anos, eu vi praticamente em todas, né, ainda mais que, a diferença nossa pra infantaria é que a gente usa mais a parte blindada, né, seja viatura sobre lagarto ou viatura sobre roda. Então, se eu não tenho lá o material bélico, pra me ajudar a fazer a manutenção na minha viatura, se eu não tenho lá a infantaria me ajudando a progredir eu acho que não ia ter apoio, por isso eu acho que em todas as ocasiões a gente precisa de ajuda.

E – Esse trabalho que você viu foi especialmente nas armas de combate de apoio, você trabalhou mais com a infantaria ou com a artilharia?

S – Com a infantaria.

E – Então, em que situações você acredita que a infantaria, ou outras armas, mais precisam do apoio da cavalaria?

S – Eu acho que... quais armas precisam mais de apoio... pelo que eu vi aqui na nossa brigada foi a infantaria, né, porque a infantaria tem bastante poder de combate, mas a cavalaria, ela faz reconhecimento, ela vai à frente, reconhece uma área, e a infantaria vai lá e toma essa área. Então eu acho que a infantaria precisa mais de apoio nessa questão aí.

E – E em que situações você acha que a infantaria mais precisou desse apoio, você... na sua experiência foi em reconhecimento?

S – Reconhecimento e ataque coordenado, que além da gente chegar no local do ataque da infantaria, a gente fazia o reconhecimento e via, tentava levantar o efetivo de quantos militares eram, que tropa estava lá, como era a defesa dessa tropa, por exemplo, essa parte do reconhecimento a infantaria precisa da gente.

E – A última parte dessa pergunta é sobre a sua experiência pessoal concedendo e recebendo apoio de outras armas, como foi trabalhar junto com essas outras armas?

S – No começo foi um pouco difícil, né, porque cada um tem ali a sua doutrina, né, é formado na academia dum jeito, né, cada arma tem o seu jeito de trabalhar, mas depois ali com a gente se adaptando, fazendo mais treinamento, então, nesse terceiro ano a gente fez praticamente tudo junto, né, a consequência dos dois anos foi muito bacana, a gente conseguiu verificar que a infantaria às vezes tem um probleminha ali, a gente ajuda, a gente tem problemas nas viaturas eles ajudam, teve uma situação que eu tava lá no reconhecimento, eu perdi uma viatura minha né, exercício no mato, aí eu ganhei o apoio duma viatura da infantaria, eu passei pro coronel a situação, ele mandou uma viatura, então integrou a infantaria e a cavalaria junto ali, e a gente seguiu no reconhecimento.

E – E esse treinamento conjunto que você identifica que melhorou o trabalho conjunto entre as armas, o que foi isso, foi ForProm ou foi só treinamento comum de maior frequência?

S – Eu tô há três anos na ForProm aqui na brigada, né, e foi os treinamentos antes da Forprom também. O pessoal fazer os exercícios visando a certificação, então eles colocavam pra trabalhar junto já pra gente entender como é que funciona, né, durante os 5 anos da academia lá, eu acho que esse ano foi que as comunicações falou melhor, eu consegui falar do início ao fim do reconhecimento com todas as minhas viaturas, né, devido às comunicações, o pessoal levou muito mais rádio, eu trabalhei com dois tipos de rádio, e eu consegui ter essa comunicação aí que é fundamental na cavalaria.

E – Me parece que a sua experiência foi bastante positiva. Sobre a requisição e o fornecimento de apoio, ou seja, você se vê numa situação em que você precisa de apoio de infantaria ou de artilharia, como é que foi a sua experiência requisitando esse tipo de apoio?

S – Teve duas ocasiões esse ano, né, eu tava em reconhecimento, aí eu dei de cara com um bloqueio inimigo, era um grupo de combate, 11 militares, de início eu parei e olhei, comecei a observar e pedi fogos de artilharia nessa posição, então eu consegui a comunicação, informei o acontecido e o coronel decidiu usar a artilharia, depois de ter usado a artilharia a gente pediu o apoio da infantaria pra limpar o terreno, né, então foi o gc meu, outros da infantaria, a gente desembarcou e progredimos ali onde a artilharia tinha feito os fogos já de preparação, então foi bem bacana essa, e assim, foi muito fácil por causa das comunicações também, né, então era questão de segundos, eu passava a informação, a informação ia pro escalão superior , ela descia vinha a ordem já da artilharia ou da infantaria, então foi bem bacana nessa parte.

E – Me parece que, havendo uma boa rede de comunicações, redes rádios suficientes estabelecidas e tal, o seu papel requisitando e fornecendo apoio fica muito mais simples.

S – Fica, fica mais simples. É que nem eu falei, foi exercício com bastante rádio né, tem que ter a necessidade de bastante rádio porque as novas viaturas, né, Guarani, ela já tá com rádio muito bom, né, então o pessoal dentro da viatura consegue se comunicar tranquilo com as outras tropas, o problema é que a cavalaria tá trocando as viaturas agora, então tá chegando a vbmt nova, né, e ela tá integrada com o rádio mesmo do guarani, então talvez melhore nossas comunicações ainda mais, mas é fundamental a comunicação, senão a gente não termina o reconhecimento, senão fica muito demorado.

E – Por curiosidade, qual a variedade do Guarani que vocês tão usando na cavalaria mecanizada? Vocês já estão usando o Guarani?

S – Já estamos usando. Desde 2015 chegou aqui em Beltrão, mais ou menos. O da cavalaria de reconhecimento, que é a nossa, aqui, ela utiliza o Guarani pra transportar pessoal, né, e a gente tem também um guarani que tá no projeto que é pra transportar o morteiro 81 que a gente usa com armamento de tiro indireto, mas por enquanto a gente só tá no transporte de pessoal.

E – Você considera que a sua arma, na sua experiência, tá bem equipada pra apoiar e receber apoio de outras armas?

S – Na relação de viatura a gente ainda tá um pouquinho defasado, né, tá pra chegar esse mês ainda, no final do mês as novas vbmt, né, que seria pra substituir as viaturas de reconhecimento nossas, já dá uma transformada, mas os nossos canhão vbr 90 ainda tão um pouquinho defasados, eles tão com um projeto pra modificar, né, ou trocar a viatura, mas eu acho que nessa parte de viatura ali é um pouquinho defasado, mas a gente compensa com os meios de comunicações, então a gente tem bastante rádio aqui, a gente utiliza o rádio , isso aí facilita também pra gente não perder esse poder de combate, né, não perder as comunicações.

E – Nesse sentido, você acredita que a sua arma está bem treinada pra apoiar e receber apoio de outras armas?

S – Treinada sim, né, mesmo a gente defasado um pouco de viatura a gente treina bastante situação de contingência, então, tô indo lá minha viatura estragou, por exemplo, o que que eu vou fazer, ah, vou esperar, vou chamar apoio, então a gente treina bastante situação de contingência pra não dar pânico, o pessoal às vezes não travar na hora, ah, não treinou isso. Não, a gente treina bastante pra executar a missão.

E – Você, na sua experiência, acredita que as outras armas que você trabalhou junto estão bem equipadas pra apoiar e receber apoio da sua arma?

S – Falando um pouco da infantaria, que eu tô tendo contato durante três anos, tá bem modernizada, antes ela era infantaria motorizada, que era tudo viatura caminhão, né, aí agora eles tão com guarani, então o poder de combate na infantaria aumentou muito mesmo. Dá pra ver que eles estão muito bem equipados, o sistema de comunicações tá muito bom , então eles também deram um salto nessa parte de modernização aí, e agora essas vbmt chegaram também no pelotão de apoio deles.

E – E na questão do treinamento, você acredita que as outras armas estão bem treinadas pra fornecer apoio?

S – Tão bem treinadas, principalmente, né, o apoio que a gente sente mais na ponta da linha, se não der certo, é a artilharia, né, então se a gente pedir fogo, claro, a gente tem que acertar a coordenada do local, pedir fogo no local certo e a artilharia acertar é um grande ganho, se eles errarem então pra nós é muito difícil esse apoio. Como eles tão bem treinados, a gente vê isso que todo ano o pessoal faz os treinamentos antes da certificação, locação de ponto, faz ponteiro de tiro, plano de fogos, então essa parte da artilharia, né, muito boa, da infantaria então nem se fala, o pessoal treina bastante ali os ataques, né, varia mais de 5, 6 tipos de ataque, e sempre tão se adestrando.

E – Você sabe qual que é o tipo da sua unidade? Tipo 3, tipo 4, no sentido de porcentagem de pessoal profissional que é empregado aí?

S – A gente é uma subunidade, né, a gente não é uma unidade, aqui é como se fosse nível companhia, mas esse aí eu vou ter que dar uma perguntada, que eu não lembro de cabeça, mas é mais efetivo variável do que profissional.

E – Entendi. Quanto, mais ou menos, de efetivo profissional você acha que tem na sua subunidade?

S – Olha, a gente tem ali em média 200 e 30 e poucos militares, são 90 conscritos.

E – Então é mais da metade profissional ali?

S – Mais da metade.

E – Em questão de treinamento, você mencionou que o pessoal tá treinando bastante; esse treinamento, quando ele é conjunto com outras armas, incluindo, claro, simulação, seja viva ou outros tipos de simulação, esse treinamento conjunto tem sido frequente?

S – Os treinamentos, como é que a brigada tá fazendo, né, ela tá chamando de treinamento específico, então ela demanda ali as ordens de instrução, tipo a parte de comunicação, parte de pedido de fogos, parte de ataque noturno teve esse ano, então ela manda cada unidade, né, cada batalhão de infantaria ali realizar esse treinamento e chama todo mundo junto, então a gente vai aprender, né, então eles treinam lá de um jeito, ah, pessoal, vamos mudar isso. Então a gente esse ano teve ataque noturno, a certificação, né, foi bem complexo o ataque porque foi literalmente blackout, não tinha uma luz ligada de viatura, a gente treinou bastante pra isso, né, e aí eles fazem isso, depois eles juntam tudo e fazem um exercício combinado, né, fazem um exercício pra simular a simulação viva, e pra treinar, então eles fazem um reconhecimento lá, um ataque duma localidade, por exemplo, esse ano foi ofensivo, e aí eles colocam em prática tudo aquilo, então a gente faz tudo ao mesmo tempo, a parte de comunicação, o ataque noturno, como se fosse no dia da certificação viva, então eu acho bem bacanas esses treinamentos da brigada, né, tanto é que esse ano eu fui transferido, né, mas pra ano que vem em janeiro já tem os treinamentos específicos, janeiro e fevereiro, porque em abril ou maio tem a certificação já.

E – Então você vê que esses treinamentos têm sido eficazes em melhorar a atuação conjunta?

S – Sim. Porque toda hora sai gente do quartel, entra gente, né, transferida, e às vezes o pessoal não tá acostumado a trabalhar com as outras armas, eles vêm de uma unidade que não tem tanto esse trabalho, então aqui na 15 brigada é direto esses trabalhos aí então o pessoal acaba convivendo junto, né, como é que pede o apoio de fogo, como é que utiliza as comunicações, o que que a infantaria faz, o pessoal às vezes nem entende, como é que é uma infantaria mecanizada, isso aí tá sendo fundamental pra certificação nossa aqui da brigada.

E – Qual que tem sido a frequência desses treinamentos, dessas certificações, vocês têm o quê, uma vez por ano isso?

S – Isso. Certificação esse ano durou quase o mês inteiro de junho ali, pra ano que vem, como tem a operação paraná, eles querem botar a certificação um mês antes, provavelmente vai ser em maio, ou abril, e é uma vez no ano, certifica o ano fica ali oito ou doze meses de prontidão, eles também vão ajustar o tempo de prontidão agora.

E – E você considera que a eficácia desses treinamentos conjuntos e da prontidão da tropa melhorou com a ForProm? Porque, assim, você tá há um tempão no ForProm, né?

S – Sim. Olha, melhorou bastante, né, porque querendo ou não a gente faz exercício, né, tipo assim, às vezes fazia na região mesmo de Beltrão, ou às vezes se juntava em Cascavel e fazia. A gente usa o d7, né, que é um equipamento que ele simula a realidade, então se eu der um disparo com o meu fuzil e realmente fizer alça massa e acertar o inimigo ele morre, então dá aquele realismo, né, do pessoal pô, não quero morrer, não quero me expor, então realmente eles utilizam a técnica que foi utilizada nos treinamentos, então o d7 tem pra viatura, tem pra artilharia, tem pra militar, então esse equipamento é lá de Santa Maria, do CASul. Ele traz uma realidade pra simulação viva que o pessoal às vezes não quer sair ali da cobertura dela, né, tá num lugar coberto, ela tem medo de sair dali então traz o realismo da pessoa não querer morrer no combate.

E – Agora deixa aberto pra qualquer outro comentário ou apontamento ou experiência que você tenha operando junto com outras armas. Da sua experiência.

S – O que eu mais tenho pra falar de experiência são os três anos que eu passei aqui na ForProm da brigada, no início como eu falei foi difícil, a gente foi se adaptando, né, começou engatinhando, o ano passado já deu bastante diferença, né, e esse ano concretizou o que a gente tava pensando, que o pessoal trabalha muito integrado, então esse ano foi mais de 800 militar no terreno, né, pra fazer uma certificação, era bastante gente, tinha mais de 100 viaturas, era muita viatura, tirando a parte lá da ciapé (?), e deu certo, né, então a gente vê que é muito importante a integração, e mais importante ainda é saber o que cada um faz, porque às vezes a gente pode pedir pro artilheiro fazer tal coisa, pedir um tiro daqui a 15 km, sendo que o alcance é 12, então a gente às vezes tem que ter essa noção de que que a outra arma faz pra gente poder pedir o apoio, né, que as vezes não é só: eu quero artilharia e desligo ali o rádio, silencio o rádio, e deu. Não, tentar passar a situação mais limpa possível, pra pessoa conseguir entender o que eu tô pedindo. E com a infantaria também, agora eles estão mecanizados, eles trocaram a parte da cicuton pra parte do guarani, então tá sendo uma experiência muito boa pra eles, é diferente, o carro tem suas limitações, porém é um carro muito bom, pra transporte de pessoal, blindado, anti mina, tem um sistema muito bom de navegação também, então eu acho que a parte de integração é muito bacana, né. E às vezes a gente só fala da parte da frente, mas se eu não tenho o pessoal lá da intendência, de material bélico, quenem, uma viatura minha estragou lá no segundo dia de reconhecimento, um cascavel, o pessoal ficou mais de um dia trabalhando em cima dele, a roda tinha estragado, literalmente o pessoal trocou tudo lá e conseguiram arrumar, então pra ver que o trabalho de todo mundo é importante.

E – Você considera que a sua unidade tá bem treinada no aspecto de conhecer as funções de cada arma também?

S – Também estamos bem treinados. Como eu falei os treinamentos específicos que a brigada fez foram fundamentais, porque a gente ali conseguiu entender um pouco mais as armas, né, então eu tive contato com a artilharia duas vezes só, né, antes desse treinamento específico, então realmente pra mim eu não tinha idéia de como eles trabalhavam. Então em 2020 eu pedi muitos fogos numa região e o cara disse, olha, não temos mais esses fogos aí, agora é com vocês, então se naquela época eu soubesse dosar os tiros de artilharia, podia ter progredido um pouco mais, então usei tudo duma vez, praticamente acabou, então nisso a gente começou a ter essa mentalidade de poder entender mais um pouco sobre isso.

E – Você mencionou um treinamento específico. Foi específico pra que esse treinamento?

S – Foi ordem do comandante da brigada, né, pra ele priorizar, por exemplo, os pontos críticos que ele levantou junto com o estado maior dele, por exemplo o ataque noturno lá foi um dos treinamentos específicos que a gente tinha que ter a certificação que a divisão do exército mandou, então a gente foi pra Apucarana, passamos uma semana lá só estudando, né, pegamos um manual americano, olhamos um pouco o manual da cavalaria de como é um ataque noturno, olhamos o manual da infantaria, e aí juntou tudo e a gente fez um exercício, deu um dia e meio lá fazendo um ataque noturno. Aí a gente sentiu dificuldade, né, porque viatura atolou, outra hora não enxergava muito bem com o evn, então teve vários critérios lá, como é que a gente vai saber que é tropa inimiga ou amiga, a gente começou a padronizar se (???) há lume no capacete, se há lume deitado de um jeito, de pé é outro, só pra identificação das viaturas, então foi muito bacana essa parte de treinamento específico. A gente viu parte de reconhecimento também com o esquadrão em Palmas, a gente se deslocou pra lá pra fazer um reconhecimento, e a parte da engenharia trabalhando, né, lançar obstáculo, mobilidade, contramobilidade.

E – nesse treinamento específico você considera que essa integração que vocês atingiram com as outras armas, elas foram o resultado de vocês trabalharem juntos e conversarem juntos ou vocês receberam treinamentos específicos sobre operação de outras armas também.

S – A OM recebeu o encargo daquela instrução, então ela estudava aquela instrução, passava uma teoria pra nós, e depois debatia com a gente, pessoal, alguém tem experiência nisso, alguém já fez esse reconhecimento, alguém já fez ataque noturno, aí o pessoal dizia: já fiz uma vez na Aman, já fiz uma vez em tal lugar, fiz assim e deu errado, então depois da teoria a gente conversava na prática e tentava compilar tudo pra poder fazer um exercício ali e botar em prática o que a gente discutia.

E – Agradecimentos.

S – Eu que agradeço a oportunidade de falar um pouco sobre a nossa atividade, porque o objetivo sempre numa brigada Forprom é certificar, né, e a gente tá há três anos aí certificando, né, graças a Deus o pessoal tá bastante fluído, e a gente vê resultado, vê já que hoje tá mais fácil de trabalhar com o pessoal de infantaria, o pessoal de cavalaria a gente já conhece o outro.

E – Eu tenho uma última pergunta: tem muita rotatividade na sua subunidade ou o pessoal passa um bom tempo treinando juntos e operando juntos.

S – Aqui eu, por exemplo, tô há três anos, o pessoal repete a forprom bastante vezes, quem não é transferido. Isso por um lado é bom porque o pessoal já sabe como é que é, sabe o que a brigada cobra ali na parte de certificação, e o pessoal trabalha em cima disso, né, então isso é bom. Meu pelotão por exemplo tá comigo há três anos e se mudou uns 7, 8 militares em 37 foi muito, né. Então eu sempre entro na batida com o mesmo pelotão praticamente. Mudou alguns sargentos, alguns cabos foram embora, por causa do tempo de serviço, mas a grande maioria, o grosso do pelotão tá comigo.

E – Você considera que é vantajosa, então, essa permanência da maior parte do pelotão?

S – É vantajosa, porque a gente já conhece como é que trabalha o nosso militar ali. A gente sabe da dificuldade, sabe onde é que ele acerta e a gente consegue dispor disso dele.